

LOUISE BOOTH

O MEU AMIGO BILLY

Tradução de Inês Amado

Índice

1. <i>Billy e Bear</i>	11
2. Chegadas.....	22
3. No fundo do poço.....	31
4. Almas gémeas.....	42
5. O último cordão.....	60
6. Novos horizontes	69
7. Atalhos.....	79
8. Uma ausência inesperada.....	91
9. Alpondras.....	98
10. Novo brilho	106
11. Mudando as regras do jogo	120
12. A preto e branco	130
13. Campanhas.....	137
14. <i>Tom e Billy</i>	152
15. Mixórdia de monstros	160
16. Alegria natalícia.....	167
17. O décimo sexto sentido	175
18. Vai-te embora	183
19. A escola dos grandes	194
Agradecimentos.....	205

1

Billy e Bear



Era o fim de uma tarde gloriosa do princípio do verão de 2011 e, enquanto o carro avançava ao longo das margens do rio Dee, as Terras Altas da Escócia recortavam-se contra o fundo idílico qual bilhete-postal ilustrado. Na distância, o pico mais elevado da paisagem, Lochnagar, tingia-se de um brilho dourado e, abaixo, o sol poente mergulhava nas águas escuras do rio numa ostentação de cores.

De quando em quando, passávamos por pescadores com água pelos joelhos, que pacientemente lançavam a linha, esperando que a truta-sapeira ou o salmão mordesse o isco. Na época, não me ocorreu, mas, em retrospectiva, creio que eu própria me encontrava numa expedição de pesca. Como é que reza o velho ditado? Com uma sardinha comprar uma truta.

O meu marido Chris ia atrás do volante e os nossos dois filhos no banco de trás. Pippa, a mais nova, tinha pouco mais de seis meses e dormia profundamente no ovo. Fraser, de três anos, era, como sempre, aquele que mais nos preocupava. Sentado, imóvel, mal falava, mas olhava atentamente para duas pequenas fotografias que trouxera consigo. Nem eu nem o meu marido sabíamos bem o que esperar dele

naquela tarde. Para ser sincera, no que a Fraser dizia respeito, todos os dias eram uma incógnita.

Dois anos antes, em agosto de 2009, quando Fraser tinha apenas dezoito meses, fora-lhe diagnosticado autismo. À semelhança do que acontece com muitos rapazes que sofrem dessa doença, a comunicação era-lhe difícil e ele tendia a isolar-se num mundo só seu. Também eram frequentes acessos de raiva, regra geral em resposta às situações mais triviais. A somar a isso, sofria de hipotonia, uma doença rara caracterizada pela diminuição do tónus muscular, que lhe dificultava gestos tão simples como agarrar num objeto. Levantar-se era um desafio, quanto mais andar. Na verdade, só no último ano é que Fraser tinha adquirido alguma mobilidade, em grande parte graças às talas de pressão que usava nas pernas e nos calcanhares.

Ao longo do último ano e meio, Fraser tinha sido acompanhado por uma pequena equipa de especialistas, incluindo um terapeuta da fala e um terapeuta comportamental. Haviam-nos dito abertamente que ele jamais frequentaria uma escola normal; no entanto, apesar disso, conseguimos arranjar-lhe um berçário privado, que se dispôs a aceitá-lo duas vezes por semana, o que foi um enorme alívio para mim. Menos boas, porém, foram as notícias de que os seus estados de espírito e comportamento eram ainda imprevisíveis e voláteis, gerando muitos percalços no nosso dia a dia.

Fraser é um rapazinho carinhoso e adorável, com uma personalidade que parece cativar todos os que o conhecem. No entanto, estaria a mentir se dissesse que a nossa vida tem sido um mar de rosas, porque nem sempre foi. Temos passado por períodos difíceis e de grande provação. Nunca sabemos o que esperar nem o que fazer, especialmente quando lhe alteramos as rotinas. Só nos resta seguir os nossos instintos, razão pela qual Chris e eu fazíamos aquela viagem ao longo do rio Dee, rumo à pequena aldeia de Aboyne, para nos encontrarmos com a responsável da Sociedade Protetora dos Gatos da zona.

Desde pequena que adoro animais: coelhos, cães, gatos, cavalos, qualquer um. Lembro-me de nessa tarde olhar com alguma nostalgia para uma das grandes herdades da região de Royal Deeside, onde eu sabia que se praticava equitação, algo que adorava fazer em miúda e de que sentia saudades, agora que era mãe a tempo inteiro.

O único animal de estimação que tínhamos era um gato cinzento chamado *Toby*, já com uma certa idade e uns quilos para lá da conta, que estava connosco há mais de uma década, antes mesmo de Fraser e Pippa terem nascido. *Toby* faz literalmente parte da mobília. Espoja-se pela casa, inanimado durante a maior parte do dia, concentrado em duas coisas apenas: comer e dormir. E foi precisamente ele quem me deu a ideia para aquela viagem rumo ao desconhecido.

Durante a maior parte da sua curta existência, era raro Fraser interessar-se por aquilo que o rodeava, *Toby* inclusive. Vivia obcecado com qualquer objeto que tivesse rodas ou girasse, e era capaz de passar horas a fio a observar a máquina da roupa a trabalhar, a entreter-se com um leitor de DVD antigo, com o seu velho carrinho de passeio, ou outro carro de brincar. Nada mais parecia cativar-lhe a atenção. Nos últimos tempos, porém, reparei que começara a manifestar algum interesse por *Toby*, embora o sentimento não fosse recíproco. A princípio, o gato tolerara a invasão ao seu espaço, mas, aos poucos, passara a desconfiar de Fraser, particularmente quando este estava aborrecido. Se calhava Fraser desatar a gritar em resposta a uma qualquer alteração da rotina doméstica, *Toby* subia disparado as escadas, em busca de refúgio. Passara a ter medo de Fraser e evitava-o ostensivamente. Na verdade, assim que o via aproximar-se, largava a correr.

Isto não me surpreendeu. Sabia que *Toby* não era o típico animal de estimação de crianças pequenas, mas o comportamento de Fraser dera-me uma ideia.

Como mãe de uma criança autista, sabia que tinha de aproveitar todas as oportunidades que surgissem, já de si escassas, tendo em conta o sítio onde vivíamos, uma casa isolada nas herdades do castelo de Balmoral, uma das residências da família real britânica, onde o meu marido trabalhava. Não havia por perto famílias com quem pudéssemos conviver e durante muito tempo não conseguimos frequentar grupos vocacionados para pais e crianças, porque Fraser não lidava bem com esse tipo de ambientes. A sua ausência de competências sociais sempre me preocupara, pelo que vê-lo com *Toby* me deixara a pensar se um animal de estimação não seria uma

influência positiva para ele. Interação, fosse com um animal e não com um ser humano, não deixava de ser interação.

– Creio que seria bom para o Fraser ter um amigo de quatro patas, ajudá-lo-ia a sair um pouco do seu mundo – disse eu a Chris certo dia ao jantar. – Que achas de lhe arranjarmos um gato ainda jovem com quem ele possa desenvolver uma relação?

Tínhamos já passado por tanto com Fraser que Chris, de si uma pessoa extremamente lógica e pragmática, começou logo a ver o lado negativo.

– Tens a certeza? – perguntou-me. – Não achas que o mais provável é o gato se assustar com o Fraser, como acontece com o *Toby*?

– Não temos nada a perder – respondi. – Se o adotarmos num abrigo ou numa sociedade protetora de animais, podemos explicar a situação e, caso não corra bem, talvez aceitem o gato de volta.

– Talvez – admitiu Chris, mas percebi que estava pouco convencido.

No dia seguinte, enviei um *e-mail* à Cats Protection, antigamente conhecida como Cats Protection League, através do *site* que encontrei na Internet. Expliquei-lhes que Fraser era autista e sofria de uma doença muscular que lhe tolhia os movimentos, pelo que estávamos à procura de um amigo «especial». Foram estas as palavras que usei, embora não tivesse grandes esperanças de que uma tal criatura pudesse existir.

A princípio, não obtive resposta. Perguntei-me se não teriam descartado o meu *e-mail*, achando-me uma louca à procura de um amigo «especial» para um filho «especial». Segundo parece, o meu *e-mail* tinha ido parar à sucursal errada e, certa manhã, recebi um telefonema sugerindo-me que entrasse em contacto com a filial de Deeside, que, por coincidência, abrira portas apenas seis meses antes.

Reenviei-lhes então o *e-mail* e fui rapidamente contactada pela responsável, uma mulher de nome Liz, que vivia a vinte minutos de nossa casa, perto da aldeia de Aboyne. Tive a sensação de que ela percebera exatamente aquilo de que eu andava à procura.

– Tenho dois gatos que se enquadram naquilo que quer, mas quase aposto que sei qual dos dois vai escolher – declarou. – Vou enviar-lhe uma fotografia e algumas notas.

Quase de imediato, recebi um *e-mail* com uma foto de dois gatos idênticos. Ambos eram cinzentos, com um ar ligeiramente oriental e manchas brancas no focinho e na barriga. Pareciam jovens e muito magros, quase descarnados, o que condizia com as informações que Liz anexara. Nelas explicava que os dois gatos haviam sido encontrados numa moradia social não muito longe dali, cujos antigos ocupantes tinham abandonado durante a noite. Quando os funcionários da Câmara chegaram para entaipar a casa, um dos vizinhos avisou-os de que havia gatos a viver lá dentro. E, mal arrombaram a porta, deram com quatros gatos subnutridos, que se alimentavam dos restos que por ali havia e que certamente teriam morrido caso os vizinhos não tivessem dito nada e a casa tivesse sido emparedada.

A Cats Protection foi chamada e levou os quatro animais. Um deles, um grande gato preto, depressa foi realojado, mas o outro e os dois irmãos, *Billy* e *Bear*, estavam a ser um desafio.

Não me parecia assim tão óbvio, olhando para as fotografias, o motivo por que Liz achava que um daqueles gatos seria o mais indicado para nós, mas estava disposta a depositar a minha confiança nela e arriscar. Perguntei-lhe se seria possível Fraser conhecer *Billy* e *Bear*, e ela sugeriu um encontro na semana seguinte, numa data em que nos fosse conveniente deslocar-nos a Aboyne.

Por essa altura, eu já tinha aprendido, e da pior maneira possível, que Fraser não gostava de alterações súbitas e inesperadas na sua rotina diária, pelo que havia que preparar terreno para essa visita e, eventualmente, para um novo hóspede lá em casa.

Certo dia, ao pequeno-almoço, lancei a escada:

– Fraser, gostavas de ter um gato só para ti, com quem pudesses brincar?

Ele estudou-me atentamente e, ao fim de algum tempo, assentiu com a cabeça.

– Sim, por favor, mamã – respondeu.

Havia alturas em que arrancar-lhe uma palavra era um autêntico suplício e confesso que fiquei surpreendida com aquelas quatro. Vendo-me encorajada, insisti.

Como Fraser não possuía os mecanismos de compreensão necessários, havíamos desenvolvido o hábito de ter sempre fotografias

à mão para o ajudar a identificar determinadas coisas ou situações. Fui imediatamente imprimir duas fotos tipo passe de *Bear* e *Billy*, para que ele pudesse analisar os seus potenciais amigos e começar a decidir-se por um.

Mais uma vez, a reação de Fraser foi encorajadora. Levava as fotografias para a cama todas as noites, pousava-as na mesinha de cabeceira a seu lado e passava horas a fio a estudá-las. Só Deus sabe que pensamentos lhe passavam pela cabeça, ali deitado a observar, atento, as fotografias daqueles dois gatos em tudo idênticos.

Na verdade digo idênticos, mas Fraser sabia distingui-los perfeitamente um do outro. Para mim, eram tão parecidos que tinha de lhes escrever o nome no verso da fotografia. Fraser, porém, sabia qual era qual e fazia questão de me explicar uma e outra vez que um era *Billy* e o outro, *Bear*. O autismo reveste-se de tantas subtilezas e complicações: Fraser quase não conseguia andar nem comunicar em condições, todavia, era capaz de distinguir dois gatos quase sócias.

Com esta primeira questão resolvida, tratei de começar a prepará-lo para a nossa viagem a Aboyne, não menos importante, já que nunca tínhamos estado em casa de estranhos. Fraser ficava extremamente apreensivo em ambientes desconhecidos, o que, regra geral, lhe espoletava alguns pânico. E, mesmo que estivesse satisfeito, arranjava sempre maneira de se fixar em alguma coisa e de nos complicar a vida. Em consequência disso, desde que ele era bebé que evitávamos locais estranhos. As únicas pessoas que visitávamos eram os avós dele, a mãe do Chris e o companheiro, que viviam na costa nordeste da Escócia, e a minha mãe e o meu pai, que moravam em Essex.

Ao fim de uma semana de preparação, sentia-me confiante de que Fraser compreendia tudo: íamos conhecer aqueles dois gatos e, se gostássemos de algum, ficaríamos com ele. Como última precaução, e na tentativa de evitar uma crise, avisámo-lo de que a viagem estava programada para sexta-feira, assim que Chris saísse do trabalho, habitualmente por volta da hora do almoço. Queríamos mentalizá-lo para aquela alteração drástica na sua rotina.

Na verdade, acabámos por sair um pouco mais tarde do que havíamos planeado, e o Sol punha-se já atrás das montanhas quando

passámos ao longo do rio Dee, perto da cidade de Ballater, e rumámos a este com destino a Aboyne.

No carro, já a caminho, senti as ideias a passarem-me pelo espírito a mil à hora, o que não era assim tão invulgar. Havia momentos em que me questionava sobre se não me teria tornado a mãe mais neurótica à face da Terra. Porém, a verdade é que, tendo um filho autista, a ansiedade fazia parte do meu dia a dia. Naquela tarde em particular, o rol de preocupações parecia-me tão longo como o rio Dee. E se Fraser não gostasse de Liz ou se assustasse com ela? E se não gostasse do aspeto da casa? Ou dos gatos? Eu não sabia se eles estariam dentro ou fora de casa. Como reagira Fraser ao ver um gato num gatil? Na sua perceção autista, os gatos como *Toby* vagueavam livres por onde bem entendessem. Como se sentiria Fraser ao percebê-lo encarcerado? E se, pura e simplesmente, não lhes ligasse nenhuma e nem sequer quisesse sair do carro, o que não só era possível como bem provável? No passado, não foram assim tão raras as ocasiões em que demos por nós a ter de fazer inversão de marcha e voltar para casa, porque Fraser desatara a abanar os braços e a gritar «Não, não, não». Iria esse padrão repetir-se? As dúvidas que se digladiavam dentro de mim eram tantas que agradei a Deus a paisagem em volta, que, ainda assim, me distraía um pouco.



Os últimos raios de sol perdiam-se no horizonte quando chegámos a casa de Liz. Enquanto Chris estacionava, Fraser inclinou-se para a frente no assento, espetando a cabeça para não perder pitada.

– Mamã, é aqui que moram os gatos? – perguntou.

Olhei para Chris, sem necessidade de dizer fosse o que fosse. Nunca até àquele momento tínhamos ouvido o nosso filho articular uma frase tão longa e coerente.

– Sim, Fraser – tranquilizei-o, voltando-me para trás e debruçando-me para espreitar Pippa. Em inúmeros aspetos, ela era o oposto do irmão. Ao passo que fazer uma viagem de carro com Fraser era um autêntico pesadelo, com ela não podia ser mais fácil, como nos

voltava a provar naquele fim de tarde. Uma vez que dormia profundamente no ovo, decidimos deixá-la lá, confiantes de que aquela seria uma visita curta. Além disso, como havíamos estacionado perto de casa, era fácil mantê-la debaixo de olho.

Tínhamos acabado de tirar Fraser do carro quando Liz assomou à porta, acenando-nos. Durante a semana anterior trocáramos inúmeros *e-mails* e era evidente que Liz estava muitíssimo bem preparada, porque foi direita a Fraser:

– Olá, debes ser o Fraser. Gostarias de entrar e conhecer os gatos?
– perguntou.

Sustive a respiração por um segundo. Não era frequente Fraser interagir com estranhos. Se se sentisse desconfortável ou minimamente incomodado, recusar-se-ia a estabelecer contacto visual e começaria a fazer qualquer coisa que o ajudasse a abstrair-se daquela intrusão. Porém, a sua reação foi outra.

– Sim, obrigado – respondeu, olhando Liz diretamente nos olhos.

Não restavam dúvidas. Fraser estava empenhado. Não houve evasivas, nem olhares desinteressados. Continuava a segurar bem firmes as fotografias dos gatos. Chris e eu entreolhámo-nos, numa cumplicidade silenciosa. Percebemos que algo invulgar se passava.

Liz explicou-nos que os gatos se encontravam nas traseiras da casa, num gatil, o que me deixou num grande impasse. Por um lado, já não tinha de recear que Fraser topasse com uma máquina de lavar roupa ou com uma torradeira e ficasse tão absorto que se esquecesse dos gatos. Mas, por outro, preocupava-me a sua reação quando os visse fechados num gatil. Era um ínfimo pormenor que não incomodaria 99,99 por cento das crianças. Mas Fraser não fazia parte dessa estatística.

Os meus receios revelaram-se infundados. Liz conduziu-nos até duas grandes gaiolas de arame. Uma estava vazia e na outra encontravam-se os dois gatos que tão bem conhecíamos de fotografia. *Bear* e *Billy*. Ao vivo ainda eram mais parecidos e eu não conseguia distingui-los um do outro.

– Agora, vou entrar lá dentro. Pode ser, Fraser? – perguntou Liz.

Ele acenou, hipnotizado. Durante um ou dois minutos, Chris e eu ficámos parados ao lado de Fraser a olhar para o gatil. Os dois

animais encontravam-se numa plataforma elevada. Um deles estava deitado, de olhos fechados, mas o outro sentara-se muito direito, intrigado com as visitas inesperadas.

– Este é o *Bear* – declarou Liz, apontando para o mais ausente. – E este é o *Billy*.

Nesse preciso instante, o segundo gato saltou para o ombro de Liz e daí para o chão, até junto do sítio onde Fraser se encontrava, do lado de lá do arame. Fraser não vacilou, muito pelo contrário. Permaneceu imóvel, fascinado com o que via.

– Gostavas de entrar e cumprimentar o *Billy*? – arriscou Liz.

– Sim – respondeu ele. – Mamã, entras comigo?

Mais uma vez, Chris e eu trocámos um olhar carregado de insinuações. Para quaisquer outros pais, isto seria insignificante; porém, para nós, pais de uma criança que passara os últimos três anos com medo de tudo, era emocionante. E mais emocionante ainda foi o que aconteceu depois.

Já dentro do gatil, Fraser sentou-se de imediato no chão. Como mãe ansiosa que sou, fiquei logo em pânico: *Há pelo de gato por todo o lado, e se ele tem uma crise asmática?* Porém, não havia tempo para grandes divagações. Antes que eu mesma desse por isso, já *Billy* se tinha aproximado de Fraser, trepado para o colo dele e apoiado as patas dianteiras no seu peito.

Não havia dúvida de que Liz tinha sido bem-sucedida em todos os seus cuidados, já que *Billy* engordara consideravelmente desde que fora resgatado. Fraser surpreendeu-se com o salto e desequilibrou-se um pouco com o peso do animal. Durante algum tempo, permaneceu imóvel, sem perceber muito bem o que havia acontecido. Em circunstâncias normais, Fraser teria desatado num berreiro, mas por essa altura já eu sabia que aquela não era uma circunstância normal. Fraser não emitiu um único ruído, não houve qualquer reação negativa. Nada.

Billy deve ter intuído a apreensão de Fraser porque recolheu as patas dianteiras, aninhando-se no colo dele de maneira a não o desequilibrar. Depois, esticou o pescoço ao máximo e encostou a cabeça à de Fraser, e ambos permaneceram assim durante algum tempo, como se não existisse mais ninguém no mundo.

Eu estava perplexa. Não conseguia acreditar no que os meus olhos viam.

– Parece que o *Billy* já te escolheu – disse Liz, quebrando o silêncio.

Liz, Chris e eu trocámos um sorriso. Mais uma vez, não foram precisas palavras.

Fraser e *Billy* ficaram ali aninhados durante alguns minutos, a conhecer-se, e só então Liz voltou a falar:

– Gostarias de que o *Billy* fosse viver contigo, Fraser?

– Sim, por favor – respondeu ele.

– Muito bem, vou então falar com os teus pais para acertarmos os pormenores.

Liz deixou-os confraternizar mais um pouco, até Chris interromper o silêncio, anunciando que tinha de ir ao carro ver como estava Pippa.

– Infelizmente, temos de ir andando – expliquei a Liz. – O que acontece agora?

– Agora, tenho de levar o *Billy* ao veterinário para as vacinas e, quando isso estiver tratado, avançamos com a adoção – respondeu.

– Estamos em vias de mudar de casa, e imagino que isso possa interferir com a data... – referi.

– Falamos melhor na segunda-feira, pode ser?

– Perfeito – respondi, esperando que tudo corresse pelo melhor.

Preocupava-me que Fraser ficasse aborrecido por *Billy* não vir connosco naquele dia, porém, quando lhe expliquei a situação, ele aceitou-a tranquilamente.

– Chris, achas que a Liz pode não acreditar que o Fraser seja autista? – perguntei-lhe durante a viagem de regresso a casa.

O meu marido soltou uma gargalhada.

– Bem, é que tendo em conta o comportamento dele esta tarde ninguém diria que é autista – declarei, e era verdade.

Fraser lidara lindamente com tudo: desde visitar uma casa estranha a ter um gato ao colo. No contexto da nossa vida em conjunto, aquele era sem dúvida um pequeno milagre. A nossa intuição fora certa. Talvez tivéssemos mesmo conseguido comprar a truta com a tal sardinha.



No caminho para casa de Liz, Fraser estivera silencioso, perdido em pensamentos. Porém, no regresso, falava animadamente.

– O *Billy* vai ser amigo do Fraser – disse a certa altura, erguendo ao alto a fotografia do gato.

– Vai, pois – respondi, olhando-o através do espelho retrovisor.

– O *Billy* vai ser o melhor amigo do Fraser – continuou ele.

«Da boca dos pequeninos sai o perfeito louvor.» Naquele momento, nenhum de nós poderia imaginar até que ponto aquelas palavras eram verdadeiras.